



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE TEORIA E PLANEJAMENTO DE ENSINO

MÁRCIA OLIVEIRA DA SILVA

**NARRATIVAS DE EXPERIÊNCIAS DOCENTES:
A INCLUSÃO ESCOLAR DE PEDRO,
UM ESTUDANTE AUTISTA.**

SEROPÉDICA

2011

MÁRCIA OLIVEIRA DA SILVA

**NARRATIVAS DE EXPERIÊNCIAS DOCENTES:
A INCLUSÃO ESCOLAR DE PEDRO,
UM ESTUDANTE AUTISTA.**

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

**ORIENTADOR:
Prof. Dr. Allan Rocha Damasceno**

SEROPÉDICA

2011

MÁRCIA OLIVEIRA DA SILVA

**NARRATIVAS DE EXPERIÊNCIAS DOCENTES:
A INCLUSÃO ESCOLAR DE PEDRO, UM ESTUDANTE AUTISTA.**

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Aprovada em Junho de 2011.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Allan Rocha Damasceno - Orientador
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Fernando César Ferreira Gouvêa
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof^a. Dr^a. Helena Corrêa de Vasconcelos
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

SEROPÉDICA

2011

*"A inclusão escolar poderá ser realizada
com responsabilidade e competência
quando existir o preparo
do contexto escolar".*

Marília Boaron

DEDICATÓRIA

A meus pais: José Márcio e Jorgina.

Aos meus irmãos, pessoas especiais.

Em especial ao meu irmão Renato (*in memoriam*).

Aos meus sobrinhos, bênçãos de Deus em minha vida.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente meu agradecimento a Deus, pela conquista de mais essa vitória em minha vida depois de tantos contratemplos.

Ao meus pais que mesmo com todas as dificuldades da vida, procuraram sempre me mostrar o caminho certo e se hoje consegui mais essa vitória é graças a eles.

Aos meus irmãos que sempre se mostraram prontos para me ajudar com o que fosse preciso, Cléa, Marcelo, Maurício, Márcio, Bruno, Leonardo, pessoas amadas. Em especial ao meu irmão Renato (*in memoriam*), que mesmo não estando entre nós, se mostra presente diariamente em espírito, sem o qual essa formação não seria possível. Aos meus cunhados Marcele e Victor.

Aos que com certeza não poderiam deixar de citar meus amados sobrinhos pessoas especiais em minha vida, Ana Clara, Bruna, Mariana, Gabriel e Renato, que me ensinam a cada dia o verdadeiro sentido da vida, anjinhos da titia, da dindinha quero dizer mesmo com todo barulho, toda bagunça, a tia não consegue mais viver sem vocês amores da minha vida. A Louise e Lorena pessoas especiais em minha vida.

Aos meus queridos amigos que muitas vezes não puderam contar com a minha presença, mais sempre me dando o devido incentivo para que pudesse chegar ao final dessa trajetória podendo dizer que realmente são meus amigos de verdade um muito obrigada a: Suzana, Valéria, William, Liliane, Daniele.

Aos meus amigos que com certeza levarei para minha vida toda que nesses anos de Rural puderam demonstrar a sua amizade e amor, nos momentos em que chegava tarde por causa do trabalho e já estavam no grupo para fazer os trabalhos, nos momentos em que pensava em desistir de tudo pela falta de tempo, pelos estresses no trabalho, em especial: Caroline Montelage, Denise Vasconcelos, Grazielle Diniz, Renata Machado, Thaís Ribeiro.

A todos os professores e coordenadores do Pré Vestibular Santa Clara, onde com certeza posso dizer que foi a melhor turma que estudei até então, lembro que a harmonia era tão grande que parecíamos uma grande família era um procurando ajudar o outro. Posso dizer que com toda certeza que também lá foi o lugar onde conheci os meus melhores amigos, que agradeço em especial: Paulinha, Carol, Juliana, Ilson, Renato Lima, Renato (tio), Carlos, Anderson. Não Posso deixar de agradecer também os professores: Claudão, Christian, Ivanilson, pelo grande incentivo durante a jornada de pré-vestibular. A todos aos professores da graduação que foram primordiais na minha formação.

Ao meu orientador Allan Damasceno a quem devo agradecer por tudo que tem feito pela minha vida acadêmica, que não mediu esforços para estar sempre me auxiliando nas horas de dúvida, de insegurança, se mostrando sempre presente quando era preciso. Foi a pessoa que com toda certeza me oportunizou o conhecimento com relação à inclusão, fazendo com que pudesse aflorar em minha vida essa consciência mais humanizada. Se mostrando um orientador muito responsável, procurando proporcionar sempre um verdadeiro aprendizado tanto intelectual quanto pessoal. Quero dizer que também tenho muito prazer em dizer que hoje me sinto mais do que uma orientanda, mas uma amiga. Espero ser motivo de orgulho para você.

Gostaria de agradecer as professora Helena Corrêa Vasconcelos , Ana Crepaldi Chiquieri e a secretária da coordenação de Pedagogia, Mônica sempre com aquele sorriso amigo, uma pessoa muito querida e amiga. Pessoas que sempre estiveram prontas para ajudar, a todos os alunos de Pedagogia.

A minha primeira professora tia Ana uma pessoa muito especial, que posso dizer que tenho muito orgulho em dizer que hoje é minha tia de verdade que sei que poderei contar por toda minha vida, obrigada por tudo. Um enorme agradecimento ao tio Zezinho, duas pessoas que são mais do que tios, são pessoas que Deus colocou na minha vida, que poderei contar por toda minha vida, amo vocês.

A toda equipe escolar que me acolheu com todo carinho e respeito, onde pude realizar essa pesquisa em especial a professora que fiquei como estagiaria em sua turma pelo auxílio e apoio. Um agradecimento especial Pedro um educando que me ensinou a ver o mundo de outra maneira, que pode me mostrar à importância da humanização para minha vida acadêmica e pessoal.

Enfim, gostaria de agradecer a todas as pessoas que direta e indiretamente estiveram presente sempre me apoiando nessa vitória.

RESUMO

Este trabalho teve por objetivo problematizar o processo de inclusão de estudantes com necessidades especiais na contemporaneidade, com base nas experiências docentes da autora no apoio pedagógico a um estudante com autismo. Muitos fatores ainda se revelam como obstáculos e/ou impedimento para que a inclusão de estudantes com necessidades especiais nas escolas regulares. É preciso ressignificar o processo de ensino e aprendizagem, valorizando a inclusão como uma oportunidade de criação de ambientes mais férteis para essa construção a partir das diferenças que convivem coletivamente, além de possibilitar a afirmação da educação democrática, onde as diferenças humanas não são impeditivas para o convívio. Fundamentamos teoricamente nosso estudo em vários autores como Adorno, Costa, entre outros. Nossa concepção metodológica é de pesquisa-ação, uma vez que a autora além de pesquisadora esteve envolvida como de modo colaborativo e participativo no estudo. Nossas análises sobre os dados coletados com as observações e registradas em diário de campo nos revelou que a formação dos professores, tanto inicial quanto continuada, não vem colaborando para a emancipação de seus saberes e fazeres. Muitos relatam que não se sentem preparados para atuar com os estudantes com necessidades especiais. A experiência da inclusão de Pedro, um estudante autista, foi reveladora em relação aos desafios para a inclusão de estudantes com necessidades especiais. Além de reafirmar a fragilidade da formação de professores, a inclusão de Pedro também nos trouxe subsídios para revelar o quanto a escola regular também precisa se ressignificar, sobretudo, na organização do trabalho pedagógico, nas múltiplas dimensões da acessibilidade: física, didático-pedagógica, curricular, entre outras. Nossas considerações finais apontam que a educação inclusiva poderá contribuir para o desenvolvimento dos sentimentos de respeito, solidariedade e acolhimento, corroborando para o desenvolvimento de uma sociedade cada vez mais democrática.

PALAVRAS - CHAVE: educação inclusiva; necessidade educacional especial; autismo.

ABSTRACT

This study aimed to problematize the process of inclusion of students with special needs in contemporary society, based on the author's teaching experiences in educational support to a student with autism. Many factors still reveal themselves as obstacles and / or impediment to the inclusion of students with special needs in regular schools. We need to reframe the process of teaching and learning, valuing inclusion as an opportunity to create fertile environments for such construction from the differences that live collectively, and allows the assertion of democratic education, where human differences are no hindrance to conviviality. Established theoretically in our study several authors such as Adorno, Costa, among others. Our design methodology is action research, as well as the author was involved as a researcher in a collaborative and participatory in the study. Our analysis of the data collected with the observations and journaled in the field revealed that teacher training, both initial and continuing, is not contributing to the emancipation of their knowledge and practices. Many report that they feel prepared to work with students with special needs. The inclusion of Peter's experience, an autistic student, was revealing about the challenges for the inclusion of students with special needs. In addition to reaffirming the fragility of teacher training, the inclusion of Peter also brought benefits to reveal how much the regular school also need to reframe, especially in the organization of educational work in the multiple dimensions of accessibility: physical, didactic and pedagogical curriculum, among others. Our final considerations suggest that inclusive education can contribute to the development of feelings of respect, solidarity and hospitality, for supporting the development of an increasingly democratic society.

Keywords: inclusive education, special educational need; autism.

LISTA DE ANEXOS

1 - Trabalho realizado pelo estudante Pedro no início da pesquisa.	51
2 - Trabalho realizado pelo estudante Pedro no decorrer da pesquisa.	52
3 - Trabalho realizado pelo estudante Pedro no decorrer da pesquisa.	53

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	01
APRESENTAÇÃO - A DEMOCRATIZAÇÃO DA ESCOLA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA	11
CAPÍTULO I - INCLUSÃO ESCOLAR: LEGISLAÇÃO, POLÍTICAS, PRÁTICAS, FORMAÇÃO DE PROFESSORES	17
1.1. ASPECTOS LEGAIS E HISTÓRICO-POLÍTICOS	20
1.2. ASPECTOS PEDAGÓGICOS E EDUCATIVOS	22
1.2.1. A FORMAÇÃO DE PROFESSORES E A EDUCAÇÃO INCLUSIVA	24
1.2.2. A ORGANIZAÇÃO DA ESCOLA FRENTE AO DESAFIO DA INCLUSÃO... ..	26
CAPÍTULO II - NARRATIVAS DE EXPERIÊNCIAS DOCENTES: A INCLUSÃO DE UM ESTUDANTE AUTISTA.....	29
2.1. DIALOGANDO SOBRE UM TRANSTORNO GLOBAL DE DESENVOLVIMENTO (TGD): FUNDAMENTAÇÃO ETIOLÓGICA	31
2.2. CARACTERIZANDO O ESTUDO DE CASO: A INCLUSÃO DE PEDRO.....	34
2.2.1. CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA MUNICIPAL JOSÉ DE ASSIS.....	36
2.2.2. CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA-AÇÃO: AS NARRATIVAS DOCENTES, SUAS EXPERIÊNCIAS E REFLEXÕES	38
CAPÍTULO III - ANÁLISES, PROPOSIÇÕES E REFLEXÕES: A INCLUSÃO ESCOLAR COMO POSSIBILIDADE DE CONSTRUÇÃO DA ESCOLA DEMOCRÁTICA	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS	47
ANEXOS	50

APRESENTAÇÃO

A democratização da escola na sociedade contemporânea.

Neste trabalho refletimos sobre a escola democrática, problematizando a escola que temos na contemporaneidade e a escola que queremos. Podemos afirmar que a escola brasileira é segregadora, pois constrói sua concepção de educação nos parâmetros da homogeneização, como nos salienta Costa (2009), Crochík (2005) e Damasceno (2010), desconsiderando as diferenças humanas. Entretanto, a mudança desse pensamento se revela cada dia mais presente em nossas escolas, configurando-se no desafio de educar na/para as diferenças.

A educação inclusiva é um grande desafio para todos os educadores, a começar pelo fato de que vivemos num tempo de extremo individualismo. Então, como pensar no outro se vivemos essa situação de forma cada vez mais crescente? Há algum tempo atrás era comum que os estudantes se reunissem em grupos de estudos, cada dia na casa de um da classe, se ajudando mutuamente.

Era comum que as dúvidas que um estudante não se sentia à vontade para sanar com o professor, ele conseguisse tirá-la com o colega de classe. As dificuldades eram vistas com menos temor. Considerando o cenário de individualidade crescente o que vem se materializando, é comum nos depararmos com essa falta de companheirismo. Esse cenário se acentua em relação aos estudantes com limitações físicas, intelectuais ou sensoriais, que são vistos como inválidos por algumas pessoas da nossa sociedade, e que, portanto não precisam se escolarizar como os demais estudantes.

É preciso que os professores problematizem e resistam à barbárie da exclusão escolar, para que nas próximas décadas tenhamos uma realidade um pouco diferente da vivenciada atualmente e com pessoas mais sensíveis/sensibilizadas em relação à diversidade humana.

Uma pesquisa realizada pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE, 2009) comprova que mais de 96% das pessoas envolvidas nas escolas brasileiras tem alguma atitude preconceituosa. O tipo mais comum nas escolas é contra pessoas com necessidades especiais, sendo admitido por 96,5% dos 18,6 mil entrevistados na pesquisa feita em 2009. Outra questão é de que segundo a ONG Campanha Latino-Americana pelo Direito à Educação, na América Latina e Caribe, apenas de 20% a 30% das crianças com deficiência freqüentam a escola.

Durante debate realizado por representantes de ONGs que defendem o direito à educação, o senhor Vernor Muñoz disse que o preconceito contra pessoas com necessidades

especiais é mais comum nas escolas brasileiras, e que para ele este é um resultado de “uma educação utilitarista”.

Essa concepção de educação se caracteriza por responder a uma necessidade de produção, ou seja, a educação prepara as pessoas para as relações de mercado. Neste sentido, as pessoas com deficiência levam desvantagem em função do preconceito arraigado na sociedade que as imputam atributos como ineficientes, improdutivos e incapazes.

Preconceito, de acordo com Lígia Amaral (1994),

[...] é um conceito formado aprioristicamente à experiência, basicamente a partir de uma atitude (favorável ou desfavorável em relação a algo ou alguém) e do desconhecimento concreto deste algo ou alguém. São como filtros de nossa percepção, fazendo com que não percebamos a totalidade do fenômeno à nossa frente.

É necessário debater/refletir/analisar a questão da inclusão e do preconceito nas escolas, se contrapondo ao pensamento de que uma pessoa com necessidade especial não é um sujeito com potencialidades e que só consiga viver com o auxílio de outra pessoa, sendo visto sempre com um sujeito incapacitado.

Considerando uma perspectiva do significado do termo exclusão, podemos afirmar, com base em Escorel,

[...] é mais do que separar segregar, discriminar grupos sociais por determinadas características inatas ou desenvolvidas. Excluir significa expulsar do mundo dominante, significa literalmente colocar para fora dos parâmetros e das normas que regem as relações sociais; não apenas marginalizar e, sim, desconsiderar a existência humana. (In: Boneti, 2000, p.28).

Com isso a questão da aceitação dos estudantes com necessidades especiais precisa ser um assunto trabalhado/debatido com os demais estudantes na sala de aula. Inclusão é um processo espontâneo e subjetivo, que envolve direta e pessoalmente o relacionamento entre seres humanos (GLAT, 1991).

Por diversas vezes acaba sendo quase que natural os questionamentos sobre as diferenças humanas. As pessoas vivem em seu meio social sobre égide de uma cultura de “normalidade”, o que produz a invisibilidade das diferenças que caracterizam a humanidade. Nessa perspectiva, observamos a “padronização” dos seres humanos, uma vez que para os indivíduos mais frágeis é mais fácil, segundo o pensamento de Adorno (1995), seguir a correnteza do que enfrentá-la.

[...] em nosso contexto social esse tipo ideal - que, na verdade, faz o papel de um espelho virtual e generoso de nós mesmos - corresponde, no mínimo, a um ser: jovem, de gênero masculino, branco, cristão, heterossexual, física e mentalmente perfeito, belo e produtivo. A aproximação ou semelhança com essa idealização em sua totalidade ou particularidades é perseguida, consciente ou inconscientemente, por todos nós, uma vez que o afastamento dela caracteriza a diferença significativa, o desvio, a anormalidade. E o fato é que muitos e muitos de nós, embora não correspondendo a esse protótipo ideologicamente construído, o utilizamos em nosso cotidiano para a categorização/validação do outro (Amaral, 1998, p. 14.).

Durante a realização deste estudo fiquei por diversas vezes bastante intrigada com alguns acontecimentos do cotidiano da escola escolhida como *lócus*, tendo chamado minha atenção à questão do preconceito existente por parte do corpo docente. Observei que é cada vez mais crescente o enorme desinteresse no apoio pedagógico e educacional aos estudantes com necessidades especiais, que comumente são incluídos de uma forma “mascarada”, ou seja, eles é que precisam se adaptar a escola e não a escola a eles.

Diante dessa perspectiva, resolvemos realizar algumas entrevistas informais com os professores, *in loco*, sobre a aceitação desses estudantes em suas turmas. Cerca de 85% dos 15 (quinze) professores entrevistados relataram que é cada vez mais complicada a aceitação dos estudantes com necessidades especiais na escola. Afirmam que esses estudantes não são capazes de freqüentarem classes regulares e são vistos por muitos docentes como responsáveis pelo baixo desempenho da turma. Afirmam, ainda, que com a chegada desses estudantes nas suas turmas não conseguem se dedicar aos demais, já que perdem muito tempo os apoiando, ratificando que não possuem nenhuma formação para estar auxiliando esses estudantes em suas necessidades.

Com isso, a formação inicial precisaria conferir autonomia intelectual aos docentes para enfrentarem as situações do dia-a-dia da sala de aula, sem deixar de construir com solidez os conteúdos específicos que constituem o seu saber profissional, além de se oportunizar aperfeiçoamento em serviço para a inclusão dos estudantes com necessidades especiais nas classes regulares. Saber ensinar é tão importante quanto saber o que ensinar ou ainda saber reconhecer diferentes caminhos que permitam aprender como se aprende para se ensinar.

É bastante pertinente a idéia defendida por Mantoan (1997, p.68) de que:

Cabe à escola encontrar “respostas educativas para as necessidades de seus alunos” e, complementando, exigir dela a necessária transformação capaz de

oportunizar a todos e todas as condições/oportunidades efetivas de aprendizagem.

Consideramos ousada a idéia de Mantoan, porque nossas experiências nos revelam que invariavelmente os professores quando atuam como diretores e/ou supervisores estão tão atrelados às malhas da burocracia escolar, em geral preocupados em apresentar dados positivos nas estatísticas de desempenho e progressão dos estudantes, acabam declinando numa busca incessante de "milagres educativos" que efetivem a melhora dos índices escolares. Ou caem no próprio descrédito, manipulando ou ignorando dados que reflitam seu fracasso.

Formar professores é uma tarefa bastante complexa. Envolve inúmeros aspectos e sujeitos, está em constante discussão/transformação e enfrenta muitos problemas. Hoje em dia é muito comum quando um jovem é perguntado sobre sua escolha profissional dificilmente ele ira afirmar o desejo de ser professor, por vários motivos tais como: a desvalorização do professor, o elevado número de evasão escolar, o desrespeito dos alunos para com os professores. A profissão docente é considera uma atividade com alto índice de estresse, resultando numa cena muito comum na escola: os professores se lamentando uns com os outros.

Acrescente-se em meio aos lamentos o preconceito, que se revela cada dia mais presente nas escolas, onde é freqüente a aversão dos professores com relação à presença de estudantes com necessidades especiais incluídos nas turmas regulares.

O preconceito existe, mas travestido. Por diversas vezes o estudante com necessidade especial é posto de lado nas atividades propostas em sala de aula, não tendo as mesmas oportunidades que os demais colegas. E posso relatar que essa questão foi uma das mais freqüentes durante a pesquisa. Percebia que ele existia mesmo que fosse de uma forma "mascarada", pois por diversas vezes pude presenciar seu escamoteamento.

Em alguns momentos, em conversas informais com os responsáveis dos estudantes com necessidades especiais, me confessaram que sentiam o preconceito não só dos professores como também de grande parte da comunidade escolar. Uma queixa muito freqüente desses responsáveis é que na maioria das vezes olham para as pessoas com alguma necessidade especial com condescendência, piedade. Outras se sentem superiores a eles, como se a instituição escolar fosse feita exclusivamente para os estudantes sem tais necessidades.

Esse estudo problematiza a possibilidade de um estudante com necessidade especial de se escolarizar em ambientes plurais, como as classes comuns das escolas regulares. A cada dia é oportunizado estar reinventando, reinterpretando, ressignificando, redescobrando os saberes

e fazeres capazes de propiciar o sucesso escolar de todos os estudantes, incluindo os que possuem limitações da natureza orgânica ou do processo de ensino-aprendizagem.

Nesse sentido, o **objetivo deste estudo** é caracterizar o processo de inclusão escolar de um estudante com uma necessidade especial, no caso a síndrome do autismo, numa escola regular.

Nossas **questões de estudo** transitam epistemicamente por: Como vem ocorrendo o processo de inclusão de estudantes com necessidades especiais na contemporaneidade? Quais são os desafios que a experiência de inclusão de um estudante autista pode revelar? Quais estratégias vêm sendo realizadas para a superação destes desafios?

Assim, esse estudo está organizado nas seguintes partes: a apresentação, onde se configuram o tema e as discussões introdutórias que nos ajudaram a formular o cenário/contexto do objeto de estudo aqui proposto; A formulação da situação-problema, onde problematizamos o objeto de estudo, com base nos debates sobre a educação escolar sua organização, a educação inclusiva e a questão da democratização escolar.

Em nosso primeiro capítulo iremos abordar a inclusão escolar como um grande desafio nos dias atuais para a democratização da sociedade, considerando a legislação, as políticas públicas e as práticas pedagógicas decorrentes de sua implementação e a formação dos professores, em seus aspectos legais e históricos-políticos considerados neste cenário, os aspectos pedagógicos e profissionais diante da complexidade da educação democrática e a organização da escola frente ao desafio da inclusão escolar.

No segundo capítulo trouxemos as narrativas das experiências docentes: a inclusão de um estudante autista, onde as experiências vivenciadas no seu dia a dia mostraram uma realidade contraditória, considerando suas necessidades.

Ainda neste capítulo falaremos também sobre a fundamentação etiológica da necessidade especial do estudante acompanhado, caracterizando o estudo de caso: a inclusão escolar de "Pedro". Relatamos o cotidiano das dificuldades existentes, caracterizamos o *lócus* da pesquisa, a escola municipal "José de Assis" e definimos a concepção metodológica adotada no estudo, a pesquisa enfatizando as narrativas docentes e as experiências/reflexões dos profissionais em relação ao atendimento educacional do estudante com necessidade especial.

O terceiro capítulo realiza as análises, proposições e reflexões: a inclusão escolar como possibilidade de construção da escola democrática, fazendo um panorama sobre a evolução da democratização escolar, a sua importância diante dos desafios para sua consecução e a busca por uma sociedade mais justa e humana.

Por último, as considerações finais, onde esperamos que o resultado desse estudo possa contribuir para os debates, ressignificando as concepções sobre as diferenças humanas, abrindo caminhos para novas/outras perspectivas sobre a educação inclusiva, objetivando a constituição de uma educação para todos, sem exclusão.

CAPÍTULO I:

Inclusão escolar: legislação, políticas, práticas, formação de professores e a organização da escola.

Discutir Políticas públicas de inclusão escolar, considerando a organização da escola nos dias atuais, revela que caminhamos para a superação do dualismo entre a escola especial versus a escola regular, revelando o clamor da sociedade por democracia e inclusão. Nesse sentido não negamos a memória da educação especial, para que possamos com base nas reflexões das questões historico-políticas superarmos a segregação, mesmo considerando os desafios que ainda permeiam a (re) organização da escola na contemporaneidade.

Não podemos deixar que se banalizem as práticas da segregação imputadas às pessoas com necessidades especiais, o que segundo Adorno (1995, p.48), "(...) a elaboração do passado como esclarecimento é essencialmente tal inflexão em direção ao indivíduo, reforçando a sua autoconsciência e, por esta via, também o seu eu".

Portanto pensar a educação inclusiva necessariamente nos remete ao pensar e ao fazer para além das instituições educacionais especializadas, ressignificando a concepção de educação até então possível para uma educação democrática, humana e acolhedora.

Para tanto, se faz necessário o compasso entre as práticas educacionais desenvolvidas e as Políticas públicas, com vistas à constituição da escola democrática, inclusiva, ressignificando o olhar social e político para a educação.

De acordo com Costa (2007),

[...] No que se refere à formação de professores e a inclusão de alunos com necessidades especiais, os dispositivos legais vigentes estabelecem a elaboração e implementação de Políticas Públicas em Educação que promova movimentos de democratização e inclusão nas escolas públicas brasileiras.

O pensamento da autora em destaque reitera que é preciso que se promovam programas de formação continuada com os professores em serviço para que saibam o que fazer e como fazer diante desse cenário educacional e que a organização da escola inclusiva se revele capaz de promover o enfrentamento e superação contra a discriminação da escolarização nas escolas regulares de estudantes com necessidades especiais.

A escola regular precisa estar preparada para que a necessidade especial dos estudantes não seja um impedimento para o ingresso e permanência dos mesmos na instituição. Para que se possibilite a inclusão desses estudantes, superando o preconceito

existente ainda nas escolas, é necessário significar o potencial emancipador da educação democrática, pensando e materializando a escola para todos.

É preciso que sejam superadas as manifestações estereotipadas tão freqüentes nas escolas, pelas relações entre indivíduos com e sem necessidades especiais, promovendo o encontro entre diferentes subjetividades. Quanto aos estereótipos, Crochík (2006, p.18) destaca que são:

[...] proporcionados pela cultura e se mostram propícios à estereotipia do pensamento do indivíduo preconceituoso, fortalecendo o preconceito e servindo para a sua justificativa, ou então, são formados à base de mecanismo psíquico que tentam perceber a realidade de forma primitiva, sendo estes mesmos mecanismos a base do pensamento estereotipado.

Diante dessa perspectiva, devemos estar atentos para a não (re) produção dessa cultura preconceituosa nas instituições, precisamos aprender a conviver com as diferenças existentes entre as pessoas em prol da superação do preconceito. Defendemos que a educação inclusiva é uma possibilidade de instituição de uma cultura de/nas/para as diferentes subjetividades humanas na escola, possibilitando o debate e a superação da discriminação dos estudantes com necessidades especiais.

Segundo Sawaia (1999, p. 9),

[...] a exclusão é processo complexo e multifacetado, uma configuração de dimensões materiais, políticas, relacionais e subjetivas. É processo sutil e dialético. [...] Não é uma coisa ou um estado, é processo que envolve o homem por inteiro e suas relações com os outros. Não tem uma única forma e não é falha do sistema, ao contrário, é produto de seu funcionamento.

Nesse sentido, se faz necessário que a escola procure se fazer cada dia mais presente na ressignificação das relações interpessoais, contribuindo para o processo de interação entre as diferentes subjetividades humanas, o que poderá propiciar uma cultura de acolhimento às diferenças e seu entendimento como condição da essência humana. Para tanto, a educação precisa fundamentar-se na democratização, para que tenhamos uma sociedade menos propícia ao preconceito.

Com isso uma educação democrática nos remeteria a possibilidade de se pensar uma escola cada vez mais emancipadora e justa na contemporaneidade. Para Adorno (2000, p.141), a educação: "Seria inclusive da maior importância política".

É preciso que a educação se fortaleça em seus princípios e valores diante das dificuldades que surgem diariamente no processo de inclusão de estudantes com necessidades

especiais nas turmas regulares. É necessário ressignificar o olhar preconceituoso com relação a esses estudantes, para que de fato se promova uma educação na/para as diferenças, promovendo a democratização da escola pública de fato.

Mas, não podemos deixar de ressaltar que considerando a educação uma aliada no fortalecimento da democracia, é importante salientar que a inclusão desses estudantes nas escolas regulares impõe desafios às práticas docentes e a organização do trabalho escolar. Portanto, conforme Costa (2007),

- Os Professores vêm elaborando em seu processo formativo docente conhecimento sobre alunos com necessidades especiais?
- Os professores conseguem pensar considerando os princípios da educação inclusiva, ou seja, aqueles que se fundamentam na concepção de escola democrática e aberta à diversidade dos alunos?
- Os professores reproduzem práticas pedagógicas tradicionais, rigidamente pautadas na seqüência dos conteúdos sem fundamentação teórica, ou seja, reducionista?

As problematizações trazidas ao debate por Costa revelam alguns dos desafios postos aos professores no cenário da democratização da escola. É necessário que os professores se revelem autores das suas próprias práticas pedagógicas, elaborando suas concepções educacionais e pedagógicas, se opondo a reprodução das práticas pseudodemocráticas que muitas vezes foram instituídas pelo próprio sistema de ensino. A escola ainda se mostra bastante atrelada aos moldes educacionais tradicionais, se revelando muito conservadora.

Não podemos deixar de mencionar o modelo integracionista que até recentemente era adotado na educação dos estudantes com necessidades especiais, onde o termo integração, segundo Costa (2007, p.19) significa:

O termo integração tende a indicar a eliminação da diferença daquele que é integrado. Logo, a integração escolar só foi e é possível para aqueles que têm sua diferença negada (embora não deixe de existir). Ou seja, para os alunos que se tornam homogêneos, abrindo mão de sua demanda humana e de sua possibilidade de se diferenciar como indivíduos, quando a diferença deveria ser considerada como sendo a essência humana.

Fica claro ao analisarmos a reflexão proposta por Costa que a educação assim compreendida é aquela que se volta unicamente para a adaptação, ou seja, para os estudantes que conseguem se adaptar a proposta da escola regular, conseqüentemente uma educação para a exclusão.

Constatamos que, como afirmado por Adorno (2000, p.169-170) “(...) não somos educados para a emancipação”, sendo que ela é necessária para o enfrentamento e a superação da exclusão e barbárie impostas na sociedade de classes.

Portanto é importante salientar que o ingresso na escola regular desses estudantes não impeça a manifestação do preconceito, em contrapartida contribui para seu entendimento propiciando as trocas de experiências entre as diferenças existentes no contexto da escola regular, diminuindo a discriminação dos estudantes com necessidades especiais.

1.1. Aspectos legais e histórico-políticos.

No que diz respeito aos aspectos legais e histórico-políticos, um dos maiores desafios da atualidade é a superação dos mecanismos de exclusão. Para tanto, a escola precisa ressignificar sua concepção de educação, seu projeto pedagógico e reestruturar-se em todas as suas dimensões para acolher todos os estudantes, independentemente de suas diferenças. A sociedade precisa ser co-participante deste processo, oportunizando a todos o direito à educação sem nenhum tipo de exclusão.

Para os seres humanos, com um forte desejo de inclusão, é quase insuportável saber que alguém não tem a mínima possibilidade dela (Costa, 2005). Dentre alguns dispositivos legais que afirmam a educação inclusiva, destacamos os seguintes:

- Constituição Federal /1988 que, no Artigo 208, prevê o "Atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente, na rede regular de ensino";
- Constituição Estadual/1989 que, no Artigo 305, garante o "Atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência e ensino profissionalizante na rede regular de ensino, quando necessário, por professores da educação especial";
- Lei nº. 8069/1990, sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente que dispõem no Art. 54, inciso III, sobre a educação, afirmado que "É dever do Estado assegurar à criança e ao adolescente: atendimento especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino";
- Declaração Mundial de Educação para Todos, Jomtien, Tailândia/1990, que propõe a constituição de um sistema educacional inclusivo, pelo qual o Brasil fez opção;
- Declaração de Salamanca e suas Linhas de Ação, Espanha /1994 - Conferência Mundial sobre necessidades educativas especiais: acesso e qualidade, na qual o Brasil mostrou consonância com seus postulados. Seu objetivo foi informar sobre políticas e guias de ações governamentais, de organizações internacionais ou agências nacionais de auxílio, organizações não governamentais e outras instituições sobre Princípios, Políticas e Práticas em Educação Especial. Fazendo com que se equalizassem as

oportunidades para as pessoas com necessidade especial assegurando sua participação como parte integrante no sistema educacional.

Diante desse panorama, o direito de cada criança a educação é Proclamado na Declaração Universal de Direitos Humanos e foi reafirmado pela Declaração Mundial sobre Educação para todos. O desafio da escola inclusiva é o desenvolvimento de uma pedagogia centrada na criança e capaz de educá-las com sucesso, incluindo aquelas que possuam desvantagens severas.

Quanto a não discriminação desses estudantes, encontramos outros dispositivos legais que garantem a matrícula e permanência na rede regular de ensino. Assim, destacamos os seguintes trechos da lei nº. 9394/96 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional):

Art.4º, III - Atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência será feito preferencialmente na rede regular de ensino;

Art. 58. Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais.

Analisando a perspectiva da educação inclusiva nas escolas regulares percebemos que a mesma somente poderá ser exitosa quando se efetivar as garantias legais constituídas em amplo arcabouço legal no país. Para tanto, vários obstáculos deverão ser enfrentados, tanto no âmbito das Políticas de Estado, quanto na dimensão mais local nas políticas da escola, que enfrentará, entre outros desafios, a resistência dos professores com relação à inclusão dos estudantes com necessidades especiais nas turmas regulares, alegando a falta de condições objetivas: formação, recursos didático-pedagógicos, entre outros.

Cabe lembrar que a Lei Federal nº. 7.853 (24/10/89), regulamentada pelo Decreto nº 3.298 (20/12/99), que originou a Política Nacional de Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, previu que:

Constitui crime punível com reclusão de 1 (um) a 4 (quatro) anos e multa: recusar, suspender, procrastinar, cancelar ou fazer cessar, sem justa causa, a inscrição de aluno em estabelecimento de ensino de qualquer curso ou grau, público ou privado, por motivos derivados da deficiência que porta.

Assim, a escola regular começa a ser desafiada a mudar, pois, dentro desta perspectiva, segundo a Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994, p.10), ela se constitui.

[...] no meio mais capaz de combater atitudes discriminatórias, de criar comunidades acolhedoras, de construir uma sociedade

integradora e dar educação para todos; além disso, proporcionam uma educação afetiva à maioria das crianças e melhoram a deficiência, e, certamente, a relação custo-benefício de todo o sistema educativo.

Seguindo esta perspectiva, a Secretaria de Educação Especial (SEESP/MEC) apresentou a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008), que incorporou os avanços do conhecimento produzido na área e as reivindicações provenientes dos movimentos sociais, objetivando a constituição de Políticas públicas de educação de qualidade para os estudantes pública alvo da educação especial.

É importante lembrar que embora seja necessário reconhecer a importância desse arcabouço legal favorável à inclusão escolar de estudantes com necessidades especiais, o processo não se efetivará apenas com base nessas garantias legais. É necessária vontade política para a implementação desses dispositivos, cabendo as escolas e seus atores a participação para efetivação das Políticas públicas assinaladas.

Assim, é possível afirmar que "a inclusão de alunos com necessidades educativas especiais nas escolas públicas regulares contribuirá para o aprendizado afirmado por Umberto Eco, ou seja, que a diferença não seja mais considerada como desigualdade" (Costa, 2007).

Toda essa dinâmica sobre a inclusão escolar de estudantes com necessidades especiais nos revela o caminho de desafios a serem enfrentados. Considerando o exposto, Adorno (1995, p.46) afirma que será possível esse enfrentamento se “No fundo dependerá do modo pelo qual o passado será referido no presente; se permanecermos no simples remorso ou se resistirmos ao horror com base na força de compreender até mesmo o incompreensível”.

1.2. Aspectos pedagógicos e educacionais

Os aspectos pedagógicos e educacionais precisam ter centralidade no que se refere ao acolhimento dos estudantes com necessidades especiais incluídos em escolas regulares. Para tanto, os professores precisam ser apoiados em seu processo de atuação profissional, seja por meio de formação em serviço ou por redes de apoio colaborativo instituídas nas escolas com especialistas, os recursos didático-pedagógicos necessários aos estudantes, considerando os obstáculos presentes em sua aprendizagem, precisam estar disponíveis, a acessibilidade física/arquitetônica e curricular devem estar postas para que se oportunize as condições necessárias para o sucesso escolar destes estudantes, entre outros.

Frequentemente os professores questionam a falta de preparo para atuar junto aos estudantes com necessidades especiais, ratificando que a formação inicial não contemplou o atendimento das demandas educacionais e pedagógicas destes estudantes.

As estratégias pedagógicas precisam estar atreladas à capacidade de resposta dos professores à medida que são desenvolvidas em sala de aula as atividades onde todos os estudantes, considerando suas singularidades, consigam demonstrar suas aptidões, vivenciando experiências em sala de aula que ampliem suas potencialidades. A questão que antecede este debate é: como poderão os professores apoiar seus estudantes se são reféns do desconhecimento das necessidades de aprendizagem destes?

Os professores precisam de uma formação para a autonomia e emancipação de seus saberes e fazeres, ou seja, a formação dos professores precisa caracterizar/debater/estudar a diversidade da escola.

De acordo com as pesquisas realizadas por Picchi (1999), Oliveto e Manzini (1999), Janial e Manzini (1999), Martins (1999),

[...] os relatos dos professores descrevem que os estudantes com necessidades especiais estão sendo inseridos na sala de aula do ensino regular sem haver a devida preparação dos professores, sem a disponibilização dos materiais adequados e sem as adequações necessárias na estrutura físicas da escola. Somados a isso, temos também relatos sobre o excesso de estudantes nas salas de aula e a carência de professores auxiliares, além do que não há no quadro dos funcionários das escolas professores especialistas em educação especial, que poderiam oferecer apoio aos professores. Estes fatores, segundo os professores pesquisados, dificultam o atendimento às necessidades específicas dos estudantes com deficiência incluídos no ensino regular.

Todos os relatos dos professores descritos nas pesquisas vêm nos revelando o despreparo dos atores da escola na/para a promoção da inclusão nas turmas regulares na contemporaneidade. É necessário que se melhore as condições da escola, a formação dos professores para que os mesmo se sintam efetivamente preparados para atuarem com esses estudantes, tendo acesso aos recursos didático-pedagógicos necessários ao seu trabalho.

Atualmente a escola é posta a todo o momento a prova da discriminação, pois sob a alegação da falta de estrutura e condição para o atendimento das demandas educacionais e pedagógicas dos estudantes com necessidades especiais, tais como a falta e preparo dos professores, a inexistência/escassez de recursos pedagógicos específicos, se traveste o preconceito em relação a estes estudantes, cujos obstáculos para seu acolhimento servem de desculpa para a descrença de que de fato podem se escolarizar em ambientes inclusivos.

Portanto, é preciso superar a concepção de diferença como desvio/impossibilidade, para que oportunize não só o acesso como o sucesso escolar dos estudantes com necessidades especiais, promovendo uma educação humana, plural e solidária.

Ainscow (2002, p.16) destaca que é preciso encorajar os professores a explorarem formas de desenvolver a sua prática, de modo a facilitar a aprendizagem de todos os estudantes, é um convite a experimentarem métodos que "[...] no contexto da sua experiência anterior, lhes são estranhos". Implicando isso que os professores precisam ser estimulados à experiência de novas maneiras de atuação docente.

Com isso é bastante pertinente destacar que há uma íntima ligação entre os desafios postos à afirmação das escolas democráticas e a formação de seus profissionais. Nesse sentido, a formação precisa se constituir num processo crítico, oportunizando a vivência de experiências que oportunizem aos professores a auto-reflexão da sua própria prática pedagógica. Para isso é necessário que se admitam as possibilidades de formação se estenda a toda equipe escolar, o que poderá contribuir para o processo de inclusão dos estudantes com necessidades especiais.

É preciso que se respeite às diferenças humanas, privilegiando uma concepção de educação emancipatória, contribuindo para a organização de uma sociedade mais justa e humana, que não prescindirá da redemocratização da escola.

1.2.1. A formação de professores e a educação inclusiva.

Considerando o exposto, a formação inicial dos professores que atuam no sistema regular de ensino, em sua maioria, não contemplou os saberes e fazeres relacionados às necessidades especiais dos estudantes. Daí ser da maior importância que esses profissionais possam ter a possibilidade de experimentar na formação continuada o pensar e o fazer na/para a organização da escola democrática.

De acordo com Costa (2007, p.89),

É importante, porém destacar que um projeto educacional escolar democrático e inclusivo não se realizará com base apenas na aplicação dos dispositivos legais, mas, principalmente como decorrente da implementação de políticas públicas advindas desses dispositivos e do movimento de reflexão e auto-reflexão crítica sobre educação e escola contemporânea e da conscientização de sua importância por parte dos profissionais das escolas públicas [...].

Se pararmos para refletir sobre as Políticas públicas de formação de professores na contemporaneidade, observamos algumas demandas, como por exemplo: formação teórica e interdisciplinar em busca de uma apropriação de saberes; a gestão democrática crítica sem qualquer visão autoritária; o trabalho coletivo entre diferentes saberes/fazeres com uma avaliação crítica e potencial emancipador para professores e alunos.

A inclusão dos estudantes com necessidades especiais nos remete a uma perspectiva de uma educação inclusiva, que afirma que todos possuem potenciais diferenciados e que cabe a escola descobrir e ampliar tais potenciais, demonstrando consonância com a dimensão social transformadora. Para tanto, é necessário oportunizar aos professores uma formação que potencialize seus saberes e fazeres com vistas à promoção da educação emancipatória.

Porém esse processo de formação por sua vez, poderá favorecer a exclusão se não tiver em suas bases experiências e orientações inclusivas. Como nos lembra Martinez (2003, p.138), "o reconhecimento da necessidade de uma sociedade inclusiva supõe o reconhecimento do fenômeno de exclusão social como característica da sociedade contemporânea".

Então o que fazer? Para onde caminhar? Será que existe alguma solução? Os professores precisam ter coragem para o enfrentamento do desconhecimento sobre as necessidades de aprendizagem de seus estudantes, desenvolvendo estratégias que o envolvem cada vez mais ao processo de ensino-aprendizagem, o que irá refletir na superação da segregação social que se reproduz na escola.

É preciso que os professores procurem trabalhar com as diferentes subjetividades presentes nas salas de aula, com as diferenças existentes, promovendo adaptações para o acolhimento das demandas educacionais e pedagógicas dos estudantes. Devem procurar propor atividades em conjunto, promovendo o convívio, a parceria, a solidariedade, tornando a escola um espaço de todos para todos.

Com isso a formação continuada se mostra cada dia mais necessário para que os professores possam ter/viver experiências, objetivando o aprimoramento de seus saberes/fazeres. Com isso, as habilidades adquiridas permitiriam, por exemplo, a adaptação/flexibilização do currículo no sentido de atender as necessidades especiais dos estudantes. Para Martinez (2000, p.184):

[...] a importância do professor no desenvolvimento da criatividade de seus alunos é inquestionável, pois ele observa, organiza crítica, parte de experiências antigas para solucionar problemas novos e desenvolve

todo o trabalho docente de forma a contribuir para fomentar a criatividade de seus alunos.

Com isso podemos concluir que os desafios para que realmente se concretização de escolas democráticas e acolhedoras está diretamente ligada à formação dos professores. Formação que deve procurar valorizar os conhecimentos dos estudantes, respeitando seus ritmos de aprendizagem, procurando multiplicar suas vivências/experiências pedagógicas de forma a enriquecê-las, oportunizando que desenvolvam atitudes reflexivas sobre a sua prática.

1.2.2. A organização da escola frente ao desafio da inclusão escolar

Discutir a organização da escola frente aos desafios da inclusão na contemporaneidade, ainda se faz necessário na medida em que constatamos que a formação de professores e gestores educacionais ainda se mostra incipiente com relação à diversidade. Por isso se torna importante que a formação desses profissionais e a organização da escola se dêem considerando a diversidade materializada na escola, promovendo o convívio entre as diferenças e o atendimento das necessidades dos estudantes, seja com necessidades especiais ou não.

Um dos maiores desafios para a experiência inclusiva referente à organização da escola e a formação de seus profissionais, nos remete as questões ligadas aos aspectos pedagógicos e as atitudes docentes que propiciam a segregação existente nas escolas na contemporaneidade. Mas, faz-se necessário procurar entender esses aspectos e atitudes quanto à dinâmica do cotidiano da cada escola, para que se privilegiem como um espaço de pesquisa e intervenção pedagógica, para novos caminhos e possibilidades pedagógicas e educacionais.

Considerando os muitos desafios postos a escola, um dos que merece destaque é a efetivação da presença e participação da comunidade escolar sobre a discussão da inclusão dos estudantes com necessidades especiais, possibilitando para além do acolhimento, o desenvolvimento das potencialidades dos estudantes, respeitando seus diferentes ritmos de aprendizagem. Os professores precisam vivenciar experiências formativas que permitem refletir sobre a sua própria prática, reconhecendo-se autores de seus fazeres e práxis. Segundo Correa (1990, p.169),

[...] a escola não parte do que a criança sabe e faz. Ao contrário, ela considera inadequado e insuficiente o fato de que a criança não apresenta conhecimentos mínimos e que sua bagagem cultural, seu desenvolvimento

intelectual e motor estão aquém do ponto de partida estabelecido pelo sistema escolar para iniciar a aprendizagem.

Para a ressignificação do trabalho escolar, é importante ressaltar que para a constituição de uma organização escolar democrática é preciso apoiar aos professores, o que segundo Costa (2007. pp.95-96) permitiria que os mesmos:

- Se conscientizem de que sabem mais do que colocam em prática em suas salas de aula. Para tal, é necessária uma formação, tanto inicial quanto continuada que contemple o desenvolvimento de sua sensibilidade, originalidade e espontaneidade na maneira de ser, de pensar, de realizar seu trabalho docente;
- Utilizem os recursos pedagógicos mais abundantes e eficientes em sua práxis docente e presentes em seu cotidiano de trabalho: seus próprios alunos no processo social e coletivo de aprendizagem;
- Organizem suas salas de aula de maneira que todos os alunos aprendam em um ambiente pedagógico acolhedor, interativo, respeitoso, diversificado, instigante, investigativo e cooperativo;
- Desenvolvam atitudes de reflexão sobre a sua própria prática docente, reconhecendo-se nela e transformando-a cotidianamente em teoria, na perspectiva da práxis pedagógica.

Com relação ao que está posto pela autora, é possível afirmar que a superação dos desafios nos remete a uma escola mais democrática, que não prescindirá da formação de seus profissionais como categoria central para ressignificação da escola que temos para a escola que queremos.

Neste sentido, os professores precisam ampliar seu nível de consciência sobre a sua importância para que tenhamos uma sociedade mais democrática, estabelecendo parcerias entre todos da comunidade escolar, propiciando que a aprendizagem aconteça em um mesmo local considerando os diferentes níveis de experiência.

Para que essa interação aconteça é necessário que se instaure uma gestão democrática, com a participação de toda a comunidade escolar. É preciso que o processo de inclusão na escola se dê sobre o exercício de uma gestão democrático-participativa, com a responsabilidade sendo compartilhada, onde todos são responsáveis pela/na escola. É necessário que haja a troca de experiências entre diferentes subjetividades, fazendo com que a inclusão realmente seja vivenciada por todos sem nenhum tipo de exclusão.

Quanto às experiências vivenciadas na escola sobre seus diferentes aspectos, nos reportamos a Umberto Eco (2001, p.13),

Deve-se ensinar às crianças que os seres humanos são muito diferentes entre si e explicar-lhes em que se diferenciam, para então mostrar que essas diferenças representam uma fonte de enriquecimento para todos.

As diferenças humanas precisam ser reveladas desde cedo para que as crianças cresçam significando-as como características inatas aos seres humanos. É preciso que se admita a possibilidade de realizar um trabalho em conjunto com toda comunidade escolar, viabilizando a troca de experiência por meio das relações interpessoais.

CAPÍTULO II:
Narrativas de experiências docentes:
a inclusão de um estudante autista em uma escola regular

Durante a realização desta pesquisa-ação¹ pudemos perceber o quanto os docentes, em sua maioria, ainda se mostram resistente à inclusão escolar de estudantes com necessidades especiais.

Os professores das classes regulares, com pouca, ou talvez nenhuma, experiência pedagógica no processo de ensino-aprendizagem destes estudantes, acreditavam que jamais precisariam ensinar a alguém que fugisse a norma/hegemonia.

Sabemos que de acordo com a sua formação, com os valores e sentidos que é constituído ao longo deste processo, o professor pode estabelecer uma orientação inclusiva para seu desempenho profissional.

Com isso, segundo Santos (2003, p.90):

Desempenhar papel de tamanha responsabilidade confere uma tarefa que, por vezes não é muito fácil. No entanto, é preciso que nós, educadores, nos desafieamos cotidianamente a repensar o que estamos fazendo para ajudar a superar barreiras à aprendizagem que qualquer sucesso descobrimos abordagens de ensino que poderemos reutilizar. E, se não funcionarem, é preciso que não desistamos na primeira, e sim que nos empenhamos em descobrir a razão do fracasso para poder mudar a abordagem e ver se fazemos a diferença.

Com isso os professores devem refletir criticamente sobre sua formação, para que o desafio referente à inclusão escolar de estudantes com suas diferenças revele a necessidade de mudança.

A inclusão do estudante autista, problematizada neste estudo, foi considerada um absurdo por diversos professores da escola regular onde foi incluído. Muitos apostaram que ele não iria conseguir aprender em uma turma regular, já que seu desenvolvimento é diferente dos demais estudantes e que de certa forma poderia ser prejudicado ao não conseguir acompanhar o ritmo da turma. É claro que não podemos esquecer que a realidade pedagógica de um estudante autista é diferente da maioria dos demais estudantes que os professores estão

¹ Segundo Thiollent (1998, p.14), a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

habituaados, mas que é preciso que se considere a sua individualidade no processo de aquisição de conhecimento.

Para Freire (2000, p.15), a transposição de barreiras do alunado na condição de emancipá-lo estimulando sua criticidade seria o caminho de um processo de inclusão, notadamente na possibilidade de um novo conhecimento - o coletivo.

Era muito comum ouvir pelos corredores da escola que as turmas com estudantes incluídos apresentavam o rendimento escolar abaixo do desejável, pois a todo o momento o professor precisa estar parando a sua aula para auxiliar o estudante com necessidades especiais incluído. Era visível a exclusão imputada a este estudante na escola, uma vez que era visto por muitos como um "estorno", o que é revelador sobre o atual cenário contraditório da inclusão escolar de estudantes com necessidades especiais.

Outra observação inicial digna de nota se refere à família. Acreditamos que quando uma criança é incluída na escola regular, sua família também precisa estar envolvida para que esse processo obtenha o sucesso, pois é indispensável às informações que possuem e que irão colaborar para o avanço do trabalho pedagógico.

Muitos responsáveis, por receio/medo do que pode acontecer com seus filhos, acabam impedindo que seus filhos vivam experiências em ambientes diferentes do convívio exclusivo com outras pessoas com necessidades especiais, caracterizando um cenário de superproteção, promovendo a infantilização em alguns casos, dificultando/obstaculizando a independência destes sujeitos. É muito importante que a família e a escola estabeleçam uma relação de parceria, já que a família é detentora de muitas informações que irão colaborar para o aprendizado dos seus familiares com necessidades especiais.

De acordo com (Glat e Duque, 2003):

De maneira geral, os pais têm críticas a fazer em relação às escolas que não atendem, de forma ampla, às suas expectativas, no entanto, a maioria dos familiares considera que a escola é um *locus* privilegiado para o desenvolvimento global dos filhos.

As críticas em relação ao trabalho pedagógico desenvolvido na escola regular estabelecidas pelas famílias de estudantes com necessidades especiais ressaltam a indiferença com que estes estudantes são tratados por parte da comunidade escolar, onde o motivo estaria atrelado ao preconceito. Outro aspecto destacado é a falta de tempo que professores dizem não dispor para se dedicar com mais afinco, considerando as necessidades especiais de cada estudante. É preciso que se tenha respeito com relação ao ritmo que cada um apresenta em

seu processo de aprendizagem. O desrespeito desse ritmo pode ser a causa da produção do fracasso na aprendizagem.

Os estudantes se sentem desconfortáveis quando se sentem excluídos das atividades propostas em sala de aula. Muitos professores relatam que gostariam de ter mais apoio, como cursos de aperfeiçoamento em serviço e participação em palestras, objetivando elaborar/constituir atividades pedagógicas mais inclusivas e com isso acolher de fato os estudantes com necessidades especiais.

A escola precisa ter clareza de sua importância para a transformação social para todos sem nenhuma exclusão. Segundo Ceccon, Oliveira e Oliveira (1997, p.24):

Apesar da lei dizer que a educação é um direito e dever de todos, as portas da escola estão fechadas para muitos. Os dados estatísticos provam que, para o Brasil tomado como um todo, apenas 2 crianças em cada 3 tem realmente acesso a escola.

A fala dos autores revela que a crítica não pode ser estabelecida apenas em relação à educação especial, mas prioritariamente à educação, que não vem dando conta de educar a todos, independente de suas necessidades específicas. Em relação à inclusão dos estudantes com necessidades especiais defendemos que precisamos primeiramente sensibilizar os professores, elevando seu nível de consciência quanto à diversidade humana e sua formação, para que a partir daí se estabeleça a reflexão crítica com relação a sua prática pedagógica.

Os professores da educação especial e os professores da educação comum demonstram um posicionamento de que a inclusão é justa, é necessária e viável, mas sua real efetivação exige determinadas condições. (Aranha, 2000, p.9).

Ou seja, considerando o caráter processual da inclusão escolar de estudantes com necessidades especiais, não ocorrerá livre de tensões e contradições, tampouco sem a criação e ressignificação das estruturas pedagógicas e educacionais necessárias a uma consecução.

2.1. Dialogando sobre um transtorno global de desenvolvimento (TGD): Fundamentação etiológica

Os transtornos globais do desenvolvimento (TGD) abrangem algumas síndromes, como a do autismo, de Rett, de Asperger, entre outras. Mesmo apresentando características

que as diferem uma das outras, em alguns aspectos se assemelham, sobretudo no que se refere à dificuldade de interação, dificuldades na linguagem e na comunicação.

A síndrome do autismo começa no início da vida da criança, até os primeiros cinco meses de vida o funcionamento dos déficits específicos é aparentemente normal. Após esse tempo começa a surgir a ausência ou frequência reduzida de respostas físicas, com isso se tornando evidente a solidão de natureza psicológica fazendo com que a criança não consiga interagir com o seu meio social. Começa ter uma persistência de repetição dos movimentos sendo cada vez mais constante quando essa criança se sente contrariada com alguma coisa ou alguém. Existe também um enorme prejuízo com relação ao desenvolvimento da linguagem fazendo com que essa criança se isole cada vez mais das pessoas.

Dentre algumas características comuns aos autistas, a que merece destaque se refere à elevada incapacidade de se relacionar com outras pessoas, preferindo o isolamento em seu "mundo", a dificuldade acentuada na comunicação, geralmente não conseguindo utilizar a fala de forma que seja compreensível para as demais pessoas. Também é observável a repetição constante de sons que muitas vezes não conseguimos identificar, o que denominamos ecolalia, acompanhada da repetição de gestos. Apresentam, geralmente, medo de sons "estranhos" produzidos por outras pessoas, porque quando produzido pelo próprio autista não se assusta.

É importante que os estudantes que apresentam dificuldades de comunicação sejam matriculados em escolas regulares, pois as possibilidades de interação são maiores, pois convivem com outras pessoas sem tais limitações, como professores e demais estudantes sem tais necessidades.

Como afirmam Johnson, Baumgart, Helmstetter e Curry (1996, p. 247),

Discutem também a importância de a escola prepara-se, planejando em equipe o trabalho que será desenvolvido e oferecido a alunos que apresentam comprometimentos severos de linguagem, bem como a importância de que este trabalho seja feito com o auxílio do aluno em questão. Segundo os autores, ter uma criança com necessidades educacionais especiais na sala de aula é uma oportunidade para o professor e os estudantes aprenderem juntos.

O autismo clássico e a Síndrome de Asperger são os mais conhecidos entre os TGD. A incidência do autismo ocorre 3 ou 4 vezes mais em meninos do que em meninas, com maior risco nos desses sujeitos (APA, 1995). Essa baixa incidência pode aumentar se levarmos em conta o "contínuo de características autistas". Nesse campo, as pesquisas de Wing e Gould (1979, p. 11) destacam:

[...] detectaram baixos níveis de competência em habilidades visos-especiais em crianças autistas e com características autistas, formando um "contínuo" que vai desde a deficiência profunda até a normal. Se considerarmos esse "contínuo" a incidência poderá aumentar em até aproximadamente 22 casos a cada 10 mil pessoas.

Como destacado, no autismo uma das grandes dificuldades é o desenvolvimento da linguagem, com isso a interação com as outras pessoas acaba sendo dificultada. De acordo com a American Psychiatric Association (1980):

Em geral, de cada 6 casos, 1 chega a uma adaptação social adequada, vivendo de forma independente e realizando um trabalho produtivo. Outro desses 6 casos se adapta de forma moderada, e dois terços não alcançam a capacidade suficiente para viver independentemente. As crises epiléticas aparecem em aproximadamente 25% dos casos a partir da adolescência ou início da idade adulta, e as convulsões são mais frequentes nos sujeitos com um QIT menor que 50.

É importante ressaltar que se por um lado a parte social é importante no comportamento humano, por outro a parte cognitiva é a responsável pelo processo do pensamento, relacionada às estruturas mentais, interferindo na construção da realidade do mundo.

Nesse sentido, o professor precisa ter conhecimento sobre aprendizagem e cognição, dentre tantos outros saberes, para que possa beneficiar seus estudantes considerando suas possibilidades cognitivas, ainda mais considerando as especificidades presentes no campo das necessidades especiais.

Diante dessa situação, é normal que o professor se sinta confuso na escolhas das estratégias a serem utilizadas com os estudantes autistas: como ensinar? O que ensinar? Parecem perguntas fáceis, mas diante das dificuldades presentes nas especificidades pedagógicas de uma criança autista se complexificam. Segundo Pribram (1970 p.10)

O déficit básico na criança autista é o transtorno na memória de curto prazo, ela falha no registro de tarefas cognitivas. Além disso, falha nas relações interpessoais, e a isso se poderia acrescentar o que foi indicado por outros autores: a criança possui déficit nas destrezas perceptuais motoras.

Considerando então o exposto, defendemos que a inclusão escolar se mostra uma possibilidade de potencialização destes estudantes ao inserí-la em criar ambientes sociais mais estimulantes, pela pluralidade existente nas diferenças materializadas nas diferentes subjetividades humanas, para estas crianças.

Com isso o acesso de estudantes com TGD nas escolas regulares pode promover enormes avanços no seu desenvolvimento no processo de ensino-aprendizagem, visando a sua inserção ao meio social, quando temos profissionais capacitados e estruturas pedagógicas nas escolas que atendam as necessidades educacionais de todos os estudantes.

A inclusão escolar se configura, portanto, num processo participativo que possibilita às crianças com TGD oportunidades de convivência com outras da mesma idade, constituindo-se num importante espaço de aprendizagem e de desenvolvimento biopsicosocial. Acredita-se que a convivência compartilhada das crianças com TGD na escola inclusiva possa oportunizar os contatos sociais favorecendo não só o seu desenvolvimento, mas o das outras crianças, na medida em que as outras crianças aprendam conviver com as diferenças, respeitando as limitações das outras e compreendendo que também possuem as suas.

2.2. Caracterizando o estudo de caso: a inclusão de Pedro².

A inclusão³ de Pedro, com base em minhas observações, foi bastante difícil num primeiro momento, pois o estudante foi invisibilizado na sala de aula. No início dessa pesquisa constatamos que ele ficava meio que de "fora" do contexto pedagógico da sala de aula, não pelos colegas de classe, mas por imposição da professora que a todo instante se mostrava arredia com a presença de um estudante com necessidades especiais na sua turma.

Fiquei muita impressionada com alguns relatos de professores, que chegaram a questionar de forma agressiva a presença desse estudante na turma, como se a presença dele fosse algo ilegal.

Durante as aulas podia perceber que Pedro ficava a aula toda se escondendo nos cantos da sala ou embaixo das carteiras, gritando quase a aula toda, querendo chamar atenção, o que entendi como um pedido de socorro pelo fato de não ser visto em sala pelos colegas e pela professora. Foi então que resolvi chamar atenção dos amigos para sua presença em sala. Comecei a trabalhar o conceito da afetividade dentro de sala, mostrando para as crianças a importância da presença do Pedro. Propus a professora fazermos trabalhos em grupos procurando trabalhar a integração das crianças de forma natural.

² Neste estudo todos os sujeitos participantes são identificados por pseudônimos.

³ Mais adiante explicitaremos como chegamos à escola e como foram os primeiros encontros/passos na inclusão de Pedro.

Após alguns meses percebemos que Pedro estava interagindo melhor com a turma, ele começou a participar das atividades propostas pela professora e não se escondia mais embaixo das carteiras, gritava somente quando ficava nervoso com alguma situação de desconforto.

Logo depois, Pedro começou a ler os trabalhos que a professora passava no quadro. De início eram só algumas palavras e quando ele queria, mas aos poucos percebíamos que ele demonstrava mais interesse, foi então que começamos a levá-lo com mais frequência para biblioteca para se familiarizar com os livros. Começamos a mandar livros de leitura para casa para que a mãe pudesse fazer leituras com o estudante. Além disso, passamos a utilizamos o computador como mais uma ferramenta, uma vez que Pedro adora computador. Dessa maneira, criamos oportunidades diferenciadas para melhora da leitura e da escrita, encontrado caminhos para a sua aprendizagem na sala de aula.

Então, com o tempo Pedro foi ganhando a cada dia mais admiração e respeito de todos da classe, já que ele era o único estudante que sabia ler na turma sem a ajuda da professora. Mantoan (1995, p. 60) afirma que:

Existe entre normais e deficientes uma semelhança estrutural e uma especificidade funcional, o que aponta para a possibilidade de se intervir no desenvolvimento cognitivo dos deficientes mentais, através da solicitação do meio escolar de suas estruturas cognitivas e do favorecimento de melhores condições para o seu funcionamento intelectual.

Aos poucos a professora passou a aceitar a presença do estudante em sua sala, já que inspirava seus colegas a superarem suas dificuldades e limitações. Aos poucos fomos obtendo resultados inesperados inicialmente, pois com o passar dos meses Pedro havia se tornado um exemplo para sua turma. Todos queriam sentar ao seu lado, os colegas de turma procuravam estar sempre lhe ajudando nas atividades em sala, auxiliando-o nas atividades das aulas de Educação Física, onde ele demonstrava ter menos afinidade, preferindo ficar quieto no canto da quadra. Seus colegas sabendo dessa dificuldade do amigo procuravam estar sempre o convidando para participar das atividades propostas pelo professor.

Pedro, aos poucos, demonstrava estar mais independente em sala de aula, a sala já não precisa ficar mais trancada, coisa que antes era preciso para que o mesmo não tentasse fugir a todo o momento. Passou a ir ao banheiro sozinho, comia a merenda na hora do recreio no refeitório junto com toda a turma e sem precisar da ajuda de ninguém, porque antes queria comer a merenda dentro de sala, o que fazia com que escondêssemos sua mochila, ou seja, foram pequenas conquistas em relação às dificuldades encontradas no cotidiano da sala de aula.

A mãe de Pedro relatou que em casa é um desespero nos finais de semana, porque ele fica pedindo para ir à escola e de nada adianta dizer que não tem aula, pois ele chega a ficar tão nervoso que precisa tomar remédio para se acalmar. Isso demonstra a importância da escola para ele, nesse momento, em que se sente acolhido, respeitado por todos da turma.

Acredito que muito dessa conquista se deva pelas minhas contribuições em sala como estagiária de apoio à inclusão escolar, uma vez que naquele momento era o elo entre o estudante e a turma, mostrando-lhes a importância dessa convivência. Por isso é emergencial que professores participem de cursos de qualificação e aperfeiçoamento em serviço, para que os mesmos saibam o quê, para quê, por que e como fazer diante de experiências tão enriquecedoras como a vivida na inclusão escolar de Pedro.

2.2.1. Caracterização da Escola Municipal “José de Assis”.

Logo que começamos este estudo na Escola Municipal José de Assis⁴ podemos perceber que a escola já possuía uma experiência com estudantes com necessidades especiais, sendo que ficavam nas classes especiais. No entanto, com a inclusão desses estudantes nas turmas regulares percebi que a escola estava meio desorientada com relação ao que fazer agora que deveriam frequentar uma classe regular.

Diante desse novo panorama, a escola por ser um direito de todos precisa adequar sua estrutura física, pedagógica e humana às necessidades de todos os seus estudantes, promovendo os diversos níveis de acessibilidade como condição para sua democratização, onde todos têm os mesmos direitos e deveres.

Precisamos estar repensando as escolas que temos e a que queremos. A escola contemporânea, em geral, ainda é pensada e organizada fisicamente e pedagogicamente para um grupo de estudantes marcadamente hegemônicos e idealizados. Porém, essas escolas estão atendendo um público que tem suas particularidades, suas diferenças e precisam que sejam respeitadas.

Nesse sentido, passamos a caracterização da escola onde Pedro foi incluído, com o objetivo de entender sua multiespacialidade e sua relação com as demandas do estudante.

- Instituição: Escola Municipal José de Assis;

⁴ Optamos também por identificar a escola neste estudo por pseudônimo.

- Localização geográfica: a escola situa-se na zona oeste;
- Estrutura físico-administrativa: direção, assessorias, secretaria, departamento de pessoal, manutenção, departamentos, almoxarifado. O funcionamento da escola tem ocorrido com uma equipe de três diretores (um geral e dois adjuntos), 22 professores efetivos, 8 funcionários de apoio, 10 auxiliares de limpeza contratados do Município pela COMLUB (Companhia Municipal de Limpeza Urbana);
- A escola tem hoje 500 alunos, distribuídos em 20 turmas nos seguintes turnos: Existem atualmente na escola doze alunos com necessidade especiais em turmas regulares, sendo que desses doze somente seis alunos com estagiário para dar um auxílio para a professora. Turno da manhã: 10 turmas que estudam no horário das 07h15min às 11h45min; Turno da tarde: 10 turmas que estudam no horário das 12h45min às 17h45min;
- Estrutura organizacional-administrativa: Possui estatuto, regimento escolar, Projeto político-pedagógico, conselho de pais-escola-comunidade, sistemática organizacional dos conselhos de classe e reunião de pais e projetos escolares;
- Estrutura didático-pedagógica: Possui orientação pedagógica, laboratório, biblioteca, recursos multimídias, coordenações, supervisões;
- Estrutura física-arquitetônica: 20 salas de aula, 1 secretaria, sala de direção com uma ante-sala para os diretores adjuntos e coordenador pedagógico, 1 sala de professores com uma cozinha em anexo com 2 banheiros para professores (masc./fem.), 1 biblioteca, 1 sala de vídeo, 1 laboratório de informática, 1 cozinha, 1 despensa para alimentos, 1 refeitório, 2 banheiros masculinos e 2 femininos para os alunos (interno e externo), 1 banheiro masculino e 1 feminino para os professores, 1 quadra (não coberta) para esportes, Vestiários com chuveiros (feminino e masculino) para aulas de educação física, 1 pátio coberto, Área livre.
- Estrutura Física da escola é bem ampla, com três andares, especificando:
 - No térreo temos o refeitório, dois banheiros, uma sala de vídeo onde a mesma é utilizada para reuniões de conselhos de classes;
 - No primeiro andar tem a secretária, dez salas de aula, o laboratório de informática composto por oito computadores, dois banheiros, sala dos professores com um computador, para uso do mesmo no auxílio na elaboração das atividades dos estudantes, para pesquisarem;
 - No segundo andar temos dez salas de aula, dois banheiros, sala da coordenação

pedagógica;

- No terceiro andar tem uma quadra bem ampla para as aulas de educação física, mas essa acaba sendo uma questão que vem fomentando muitas discussões pelo fato dos estudantes com necessidades especiais com limitações motoras não terem acesso a este espaço, pela falta de rampa, uma vez que o único meio de se chegar lá é pela escada. Por esse motivo alguns estudantes ficam impossibilitados de participarem das aulas de educação física, já demonstrando que a escola ainda se mostra despreparada para a inclusão de alunos com limitações motoras.
- A sala de vídeo (na sala em anexo a biblioteca) é utilizada com frequência para discussões, debates e filmes programados pelos professores, em um ambiente refrigerado;
- A escola não possui nenhum banheiro adaptado para os alunos com necessidades especiais, demonstrando mais uma vez seu despreparo para a inclusão;
- A escola também não possui nenhum computador adaptado para os alunos com necessidades especiais, os mesmos não podem utilizar o computador sem o auxílio dos equipamentos adaptados para sua utilização;
- Os bebedouros também não são adaptados para os estudantes com necessidades especiais; são muito altos por isso, é necessário que fique uma cadeira ao lado do bebedouro para que os estudantes possam subir para poder beber água. Essa é mais uma barreira para os estudantes com necessidades especiais, isso quando na maioria das vezes os mesmos se encontram quebrados;
- O pátio da escola também é muito desnivelado, no lado do estacionamento tem uma rampa que pode causar acidentes.

É necessário ter consciência de que para alcançarmos o sucesso na inclusão escolar de estudantes com necessidades especiais um dos passos fundamentais é a acessibilidade física-arquitetônica, curricular, didático-pedagógica dentre outras, para que todos os estudantes tenham suas especificidades atendidas, oportunizando as condições adequadas e necessárias para a promoção de uma ambiência fértil para a aprendizagem.

2.2.2. Caracterização da pesquisa-ação: as narrativas docentes, suas experiências e reflexões.

No início dessa pesquisa o acolhimento por parte da equipe pedagógica da escola foi na "desconfiança", afinal eles não sabiam ao certo como seria o meu comportamento na

escola, como poderia entender algumas das atitudes tomadas pela escola diante dos desafios da inclusão escolar. Durante essa pesquisa todas as análises foram baseadas nas observações e nos registros em diários de campo.

Logo que cheguei à escola fiquei sabendo auxiliaria um estudante autista, que era um pouco agressivo quando contrariado, e a professora não conseguia dar aula para os demais estudantes da classe, uma vez que gritava a maior parte do tempo. O que se falava é que era impossível da professora conseguir dar aula e auxiliar o estudante ao mesmo tempo, por isso a necessidade de se colocar uma estagiária para auxiliar o trabalho pedagógico.

Posso dizer que no início também não me sentia muito a vontade em estar realizando esse estágio, pelo motivo de que os professores, se sentindo meio que "vigiados", se mostravam um pouco insatisfeitos com a minha presença na instituição. A começar pelo motivo de que muitos professores não aceitam muito bem a questão de se ter um estagiário em sua turma.

Posso relatar que a professora da turma onde realizei o estágio, que culminou nessa pesquisa, se mostrou bastante satisfeita com a minha presença, e relatou por diversas vezes que a nossa parceria renderia um trabalho bastante satisfatório tanto para o estudante com necessidade especial quanto para os demais.

Quando cheguei à sala de aula, pela primeira vez, a professora me levou até o estudante e me apresentou falando que eu era uma "tia" nova e iria ajudar ela com a turma e em especial com ele. De início ele ficou muito agitado e começou a se bater. A professora falou que aquilo era normal. Acredito que tenha sido por causa da minha presença, por ser uma pessoa "estranha" naquele ambiente onde todos já se conheciam. Depois de um tempo eu sentei ao seu lado e ele ainda estava um pouco agitado, mas teria que ter um começo essa aproximação. Então, comecei a conversar com ele e ele ignorava a minha presença e o que falava, estava no "mundo" dele.

A professora relatou que não estava conseguindo dar aula, porque a todo o momento o Pedro gritava, se batia, corria pelos corredores. Com isso, a sua aula era interrompida a todo o momento e os outros estudantes também ficavam agitados com aquela situação, e que agora com a minha presença ela poderia dar sua aula sem se preocupar exclusivamente com o estudante incluído.

Na hora da saída percebi que a mãe do Pedro também se sentiu ao mesmo tempo preocupada e aliviada, foi um misto de emoções, porque naquele momento eu também era uma pessoa estranha que iria conviver com seu filho diariamente, mas a minha presença configurava uma possibilidade de uma atenção maior as necessidades de Pedro.

Logo depois da saída fiquei conversando com a professora sobre algumas atitudes do Pedro, com os outros estudantes em sala de aula, e ela me relatou que no início foi mais complicado, uma vez que ficava muito agitado por não estar acostumado com a presença deles e também por ser uma turma com um número elevado de estudantes, e para a maioria de seus colegas aquela situação era uma coisa nova, não estavam acostumados a conviverem com as diferenças. Mas, como as crianças acabam se acostumando com tudo muito rápido, em algumas semanas já estavam habituados com as diferenças do Pedro, apesar de no início existirem os risos pelo fato de não entenderem como ele era tão diferente dos outros.

Mas foi uma situação rápida, uma vez que se tratando de criança tudo fica mais fácil, porque são menos susceptíveis ao preconceito. Isso realmente foi constatação que pude observar no decorrer das aulas, onde a todo o momento as crianças se ofereciam para ajudar com Pedro. Diante da materialidade dos fatos, acredito que a inclusão das crianças com necessidades especiais nas classes regulares poderia acontecer de maneira muito mais rápida se dependesse de seus colegas.

A inclusão de Pedro foi se dando processualmente, um dia após o outro. Na hora do recreio, percebia que ele queria sair correndo pelos corredores, então falei com a professora sobre a necessidade de trabalhar essa questão de descer andando normalmente como os outros colegas, e ela falou que seria interessante, pois as outras crianças perguntam por que ele não descia na fila, até para se sentir integrado em todos os momentos.

Na hora da saída fui segurando sua mão e falando para ele descer com os colegas. Na hora em que tentava correr, segurava firme a sua mão, pois sabia que isso aconteceria no início. Mas, ao chegar ao pátio pude constatar a felicidade da sua mãe ao perceber que ele havia descido junto com a turma, pois a professora falou que ela subia uns dez minutos antes da saída para pegá-lo em sala, para que não ficasse agitado. Ela perguntou como havia conseguido esta proeza e eu falei que de início ele havia se mostrado um pouco arredio, mas que aos poucos iria se acostumar com a minha presença e estava até melhor que o esperado.

Logo nas primeiras semanas comecei a trabalhar com gravuras e a construção de seus respectivos nomes com colagens, priorizando a linguagem visual. Percebemos que Pedro gostou muito dessa atividade, onde procuramos utilizar coisas que faziam parte do seu no seu cotidiano, tal como: embalagens de biscoitos, produtos de higiene pessoal, desenhos, encartes de supermercados para ajudar a identificar alimentos.

Outro destaque importante é a dificuldade que ele tem de ouvir "não". Parece não estar acostumado a ser contrariado e quando falamos que não pode fazer algo, ele grita, chora e se bate tentando nos sensibilizar. Falei com a sua mãe que precisávamos trabalhar essa questão

do não em casa, para que não seja algo vivido apenas na escola. A cada dia observamos avanços com relação à interação tanto dele com a turma como da turma com ele.

Durante essa pesquisa temos materialidade suficiente para comprovar os avanços de Pedro, uma vez que quando começamos esse trabalho ele era totalmente introspectivo, não mantinha nenhum tipo de contato com as outras pessoas. A questão do preconceito era muito latente na escola, que ainda ocorre mais em uma proporção muito menor em comparações aos meses anteriores.

Posso afirmar que embora não tendo ainda concluído o estágio na escola José de Assis, estou muito animada e espero que ao final desse estágio possa ter contribuído o máximo para o desenvolvimento de Pedro.

Com base nesta experiência podemos pensar na democratização da escola para além de uma lógica de “modismo”, mas como uma ressignificação da concepção de educação, oportunizando a todos os estudantes condições de aprendizagem condizentes com suas necessidades.

Para tanto, defendemos que é preciso que o movimento inclusivo escolar de estudantes com deficiências sensibilize os professores, oportunizando aos mesmos a reflexão crítica, acompanhada da elevação de consciência, sobre sua formação profissional e humana, o que poderá oportunizar a organização de um espaço escolar mais humano, democrático e acolhedor, que na retórica atual vem sendo chamada de escola inclusiva.

CAPÍTULO III:

Análises, proposições e reflexões: a inclusão escolar como possibilidade de construção da escola democrática.

A elaboração desse trabalho só foi possível graças às experiências vividas no estágio extracurricular oportunizado no âmbito da Secretaria Municipal de Educação da cidade do Rio de Janeiro.

Posso relatar que essa pesquisa-ação foi, sem dúvida nenhuma, um divisor de águas na minha caminhada acadêmica, até porque antes de começar esse estágio confesso que me sentia meio perdida, sem saber para onde ir, o que fazer. Foi quando surgiu essa oportunidade.

Quando comecei esse estágio de apoio à inclusão de estudantes com necessidades especiais, senti um pouco de receio de como seria a minha experiência na escola, minha relação com as crianças, em especial com Pedro, o estudante com necessidades especiais, se haveria uma parceria com a professora regente, uma vez que por inúmeras vezes me foi dito que muitas professoras não aceitam bem a presença de estagiário em suas turmas.

Ao tentar responder essas perguntas posso afirmar o quanto à tarefa que me foi incumbida foi difícil, entretanto de importância singular para a minha vida profissional e pessoal. Ao final dessa trajetória posso afirmar que o que poderia de início ser um trabalho como outro qualquer, se transformou em compromisso profissional, ético e social.

Durante este estudo tivemos a oportunidade de estar frequentando uma escola pública de Ensino Fundamental e pudemos observar o cotidiano de uma sala de aula em sua complexidade: os estudantes e suas atitudes diárias, as práticas pedagógicas dos professores, a relação entre os estudantes e os professores, a relação dos funcionários da escola com a toda comunidade escolar, entre outros aspectos.

Pensar a inclusão escolar como uma possibilidade para constituição de uma escola cada vez democrática significa, em igual medida, pensar também uma sociedade mais democrática. Um aspecto central para a efetividade e sucesso da inclusão escolar de estudantes com necessidades especiais na escola regular é a formação dos professores, que precisa contemplar a constituição dos seus saberes e fazeres para a emancipação e autonomia, para que então novas possibilidades possam dar sentido a essa construção.

Muitos professores acabam se julgando incapazes de atuarem com os estudantes que apresentam necessidades especiais. Diante dessa perspectiva, é necessário que seja feito investimentos na formação inicial e continuada permitindo os docentes a reflexão crítica sobre

sua formação e sobre a educação contemporânea, além de contar com sólida formação instrumental para atuar considerando as especificidades dos estudantes.

Durante essa pesquisa podemos presenciar o quanto os professores, em sua maioria, não possuem formação adequada para estar lecionando para os estudantes com necessidades especiais. Eram notórias as reclamações quase que diárias sobre a presença desses estudantes. A todo o momento as professoras relatam que não entendiam como ainda podia haver pessoas que ainda pensavam em seguir carreira no magistério.

Acredito que a inclusão de Pedro, que possui autismo, ainda seja vista por muitos professores como desnecessária. A sua presença nas turmas regulares seria dispensável, uma vez que não conseguiria aprender como os demais estudantes.

Durante essa pesquisa pudemos constatar que o caso do Pedro, frente às discussões sobre a inclusão, nos revela uma situação bem diferente. Durante todo o trabalho realizado identificamos avanços. Sua interação em sala de aula com os colegas se ampliou e seu ritmo de aprendizagem vem sendo respeitado. Hoje Pedro se sente parte da escola, onde participa de todas as atividades propostas em sala de aula, nos revelando que a inclusão é possível e benéfica, quando ocorre respeitando os limites e possibilidades de cada estudante.

Com base no que foi apresentado sobre a inclusão de um estudante autista em turmas regulares, acredito que sejam absolutamente razoáveis outras experiências exitosas com outros "Pedros" pelo mundo afora.

Hoje posso afirmar que Pedro foi realmente uma grata surpresa na minha vida, uma criança que me ensinou a ser uma pessoa e professora melhor, mostrando que precisamos respeitar e acolher as diferenças humanas como constituintes da subjetividade e objetividade de cada indivíduo, e quanto podemos aprender no convívio com a diversidade na sala de aula e na escola.

Penso que a escola tem uma importante função no ressignificar sobre as diferenças, não mais compreendidas como marcas para hierarquização entre os indivíduos, superando os estereótipos e discriminações sociais. Para tanto, alguns esforços precisam ser desenvolvidos pela/na escola, como a organização do trabalho escolar que deve ter como centralidade as diferenças humanas e a formação inicial e continuada dos professores para que reflitam e atuem sobre as condições necessárias para a promoção do acesso, permanência e sucesso escolar de todos os estudantes, com ou sem necessidades especiais.

Ao final dessa pesquisa posso dizer que esse trabalho me ensinou muitas coisas importantes. Dentre tantas destaco a possibilidade de estar com um estudante que vem me proporcionando momentos de descobertas e aprendizado.

É uma experiência ímpar, que só vivenciando para realmente compreender. Essa pesquisa também possibilitou para mim um ressignificar do olhar perante as diferenças. Hoje posso dizer que é uma causa que luto e que me sinto responsável!

Com relação à inclusão nas escolas regulares, é preciso que a escola e o Estado se sintam responsáveis por estes estudantes, que muitas vezes somente são colocados nas escolas, sem que as estruturas necessárias para seus atendimentos se constituam, perpetuando a descrença sobre suas reais potencialidades, coadunando com o preconceito. De acordo com Costa (2007, p.27),

Quando, sob a alegação de falta de condições para o atendimento dos alunos com necessidades educativas especiais na escola pública, como professores especializados e recursos pedagógicos específicos, justificando a dicotomia de escola regular x escola especial, reforçando o preconceito.

Com base neste novo contexto escolar, os desafios da inclusão se mostram cada dia mais presente na contemporaneidade. Desse modo, para que tenhamos uma sociedade que possa atender às demandas de aprendizagem dos estudantes com necessidades especiais, como salienta Costa (2007, p.101), precisamos considerar:

- Discutir as possibilidades de organização das escolas públicas para torná-las democráticas, inclusivas e abertas à diversidade dos alunos com necessidades educativas especiais;
- Caracterizar a escola pública na perspectiva da inclusão e da diversidade humana, promovendo sua reestruturação para atender às demandas de aprendizagem dos alunos com necessidades especiais;
- O pensar sobre a educação dos alunos com necessidades especiais e a questão da inclusão escolar na sociedade contemporânea: a importância da experiência entre diferentes subjetividades e a democratização da escola.

Ou seja, a inclusão de estudantes com necessidades especiais é necessária e possível, mas não se pode prescindir das estruturas necessárias para sua efetivação.

Considerações finais

O estudo apresentou algumas experiências docentes que problematizam o processo de inclusão escolar de estudantes com necessidades especiais. Nesse sentido, utilizamos as narrativas como reveladoras das práticas.

O objetivo central dessa pesquisa foi problematizar, com base na experiência de inclusão de um estudante autista, o quanto os demais estudantes com necessidades especiais ainda sofrem resistências no convívio e escolarização junto com outros estudantes sem tais necessidades, numa mesma comunidade escolar. De igual maneira, identificamos que algumas resistências encontram justificativas plausíveis, como por exemplo, a formação tanto inicial quanto continuada dos professores que não contempla prioritariamente a diversidade humana, a insipiência da aplicação das Políticas de inclusão na escola contemporânea, o escasseamento dos recursos didático-pedagógicos para a promoção da educação inclusiva.

É necessário que se pense a inclusão para além da dimensão fragmentada e atrelada a modelos de que “incluir estudante especial é uma moda que depois passa”. A inclusão escolar é a ressignificação da concepção de educação marginal e segregada, até então vigente na concepção de educação especial. Portanto, não é uma moda, mas a possibilidade de inaugurarmos na escola contemporânea uma experiência ainda não vivida, sua democratização de fato!

Dessa forma, esse estudo pode contribuir para se ampliar o conhecimento sobre os aspectos relevantes para o atendimento e permanência dos estudantes com necessidades especiais nas turmas regulares, principalmente no que se refere ao conhecimento dos apoios necessários para que se alcance o sucesso escolar. A escola precisa ser vista como um espaço de todos e para todos, possibilitando a permanência desses estudantes e demais que estejam excluídos, fora da escola.

Quanto aos dispositivos legais apresentados nesse estudo, vale ressaltar que permanece o fosso entre a garantia legal e a efetividade da lei. É necessário que pais, professores e toda equipe escolar criem condições para que a lei seja cumprida, fazendo com que a escola se torne inclusiva, o que defendemos que só será possível com o debate e esclarecimentos, rompendo com a ignorância/alienação pelo desconhecimento dos direitos dos estudantes com necessidades especiais.

Posso afirmar que a inclusão sempre esteve presente em minha vida, pelo fato de ter um irmão com uma necessidade especial. Com certeza essa experiência foi de grande valia para minha formação como indivíduo e, posteriormente, como professora.

Ao chegarmos ao final desse estudo podemos afirmar que muito ainda precisa ser feito, mas que houve avanços se considerarmos a segregação imposta historicamente na educação especial. Inegavelmente, ainda que existam vários obstáculos e desafios, a presença dos estudantes com necessidades especiais na escola regular significa a possibilidade de uma escola mais democrática, e quiçá, de uma sociedade também mais democrática.

É possível que, a partir desse contexto que se configura, repensemos a escola especial, não de maneira dual em relação à escola regular, mas que encontremos novas perspectivas para sua ressignificação e com isso avancemos rumo a uma escola humana, plural e solidária.

Diante desses elementos trazidos nesta pesquisa, esperamos ter contribuído para o debate sobre a inclusão dos estudantes com necessidades especiais, o que poderá refletir no processo de democratização da escola e da sociedade na contemporaneidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, T. W. **Educação e emancipação**. São Paulo: Paz e Terra. 1995.

_____. **Educação e emancipação**. São Paulo, Paz e Terra. 2000.

AINSCOW, M. **Educação para todos: torná-la uma realidade**. In: **Caminhos para as escolas inclusivas**. Lisboa, Instituto de Inovação Educacional, pp.11-28. 2002

AMARAL, L.A. **Pensar a diferença/deficiência**. Brasília, DF. 1994

_____. **Sobre crocodilos e avestruzes: falando de diferenças físicas, preconceitos e sua superação in diferenças e preconceitos na escola**, São Paulo, SP: Summus. 1998.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (1980): **DSM-III: Diagnostic and statistical manual of mental disorders**. Washgton, DC: APA, Edición española DSM -III: Manual Diagnóstico y Estadístico de los Transtornos Mentales.Barcelona: Masson. 1983.

_____. **DSM-IV: Diagnostic and statistical manual of disorders**. Washington, DC: APA.Edición española (1989). DSM - IV: Manual Diagnóstico y Estadístico de los Transtornos Mentales. Barcelona: Masson.1995.

ARANHA, M.S.F. **Inclusão social e municipalização**. In: Manzini, E. J. (org.). **Educação especial: Temas atuais**. Marília: UNESP. 2000.

BRASIL, 1988. **Constituição da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF.

_____. 1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei nº. 8.069, Brasília, DF.

_____. 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro, Brasília, DF.

_____. **Secretaria de Educação Especial**. Política Nacional de Educação Especial: livro 1/MEC/Seesp. Brasília, 1994.

Ceccon,C.; Oliveira,M.D. & Oliveira,R.D. **A vida na escola e a escola da vida** (32º ed). Petrópolis: Vozes e IDAC. 1997.

BONETTI, L.W. **Educação, exclusão e cidadania**. Ijuí, RS: Ed.UNIJUÍ. 2000.

CORREA, M.A.M. **De rótulos, carimbos e crianças nada especiais**. Campinas – SP: FE/UNICAMP, 1990 (Dissertação Mestrado).

COSTA, Valdelúcia Alves da. **Os processos de inclusão dos alunos com necessidades educativas especiais: políticas e sistemas**. Rio de Janeiro: UNIRIO/CEAD, 124p. il. 2007.

_____. **Formação e teoria crítica da escola de Frankfurt: trabalho, educação, indivíduo com deficiência**. Série Práxis Educativas, Niterói, EdUFF.2005.

CROCHÍK, J. L. **Preconceito, indivíduo e cultura**. São Paulo, Casa do Psicólogo, 3ª edição. 2006.

ECO, U. **Choque de civilizações: em nome da razão**. Valor Econômico, São Paulo, 26,27 e 28 de outubro. Eu &, pp.12-13. 2001.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 24. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2000.

GLAT, R. e DUQUE, M.A. **Convivendo com filhos especiais: o olhar paterno**. Rio de Janeiro: Sette Letras, 2003.

JOHNSON, J. M.; BAUMGART, D.; HELMSTETTER, E. & CURRY, C.A. **Augmentating basic communication in natural contexts**. Baltimore: Paul H. Brookes Publishing Co., 1996. p.247-251.

MANTOAN, M.T.E. **Ser ou estar: eis a questão. Explicando o déficit intelectual**. Rio de Janeiro, RJ: WVA. 1997.

MARTINÉZ, Albertina Mitjáns. **Criatividade, personalidade e educação**. Campinas: Papirus, 2000.

_____. **El profesor como sujeto: elemento esencial de la formación de profesores para la educación inclusiva**. Revista da Faculdade de Educação da UFF. N.7, maio 2003, pp.137-49.

OLIVETO, J. & MANZINI, E.J. **Dificuldades de professores de pré-escola no trabalho de integração de alunos com deficiência**. In E.J. Manzini, (org.) Integração do aluno com deficiência: perspectiva e prática pedagógica, Marília, SP: UNESP. pp.27-56. 1999.

PICCHI, M.B. **Da integração desejável à possível do portador de deficiência mental na classe comum da rede de ensino do Estado de São Paulo**. Tese de Doutorado em Educação não publicada, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP. 1999.

PRIBRAM, K. **"Autism: A deficiency in context-dependent processes!"**. Proceedings of the National Society for Autistic Children. Rockville, Md.: Public Health Service. p.10-15. 1970.

RIO DE JANEIRO. 1989. **Constituição do Estado do Rio de Janeiro**. Assembléia Legislativa, Rio de Janeiro, RJ.

SANTOS, Mônica Pereira dos. **O papel do ensino superior na proposta de uma educação inclusiva**. Revista da Faculdade da UFF, n.7, maio 2003. p.78-91.

SAWAIA, B. (Org.). **As artimanhas da exclusão: Análise psicossocial e ética da desigualdade**. Petrópolis: Vozes, 1999.

SOUZA, E.M. **Problemas de aprendizagem: crianças de 8 a 11 anos**. Bauru, SP: EDUSC. 2001.

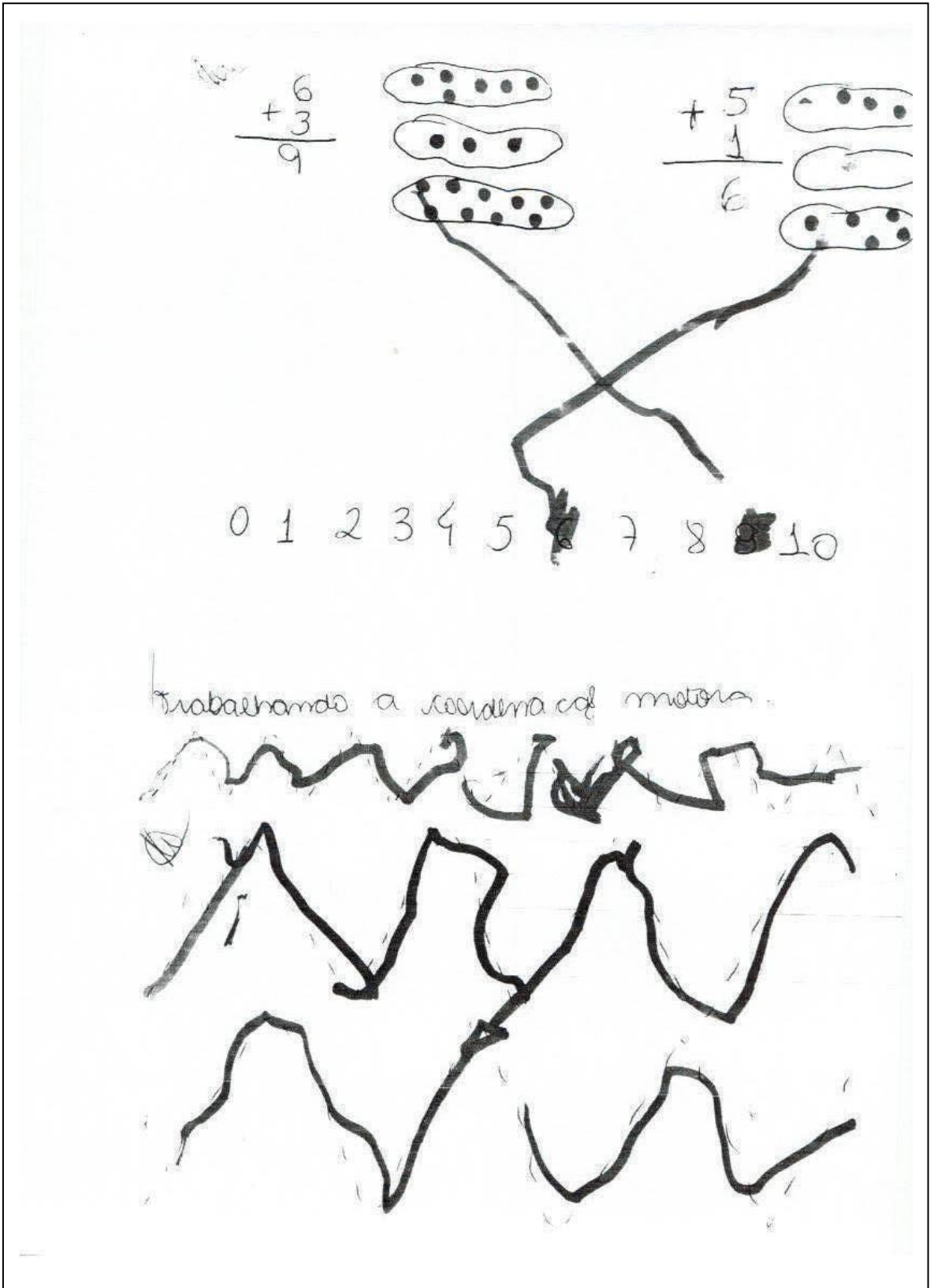
THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. (8 ed.). São Paulo, SP: Cortez. 1998.

UNESCO. **Declaração de Salamanca e linhas de ação sobre necessidades educativas especiais.** Brasília, DF, CORDE, 1994.

UNESCO. (1990). **Declaração Mundial sobre Educação para Todos.** Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. Jomtien, Tailândia.

WING,L.y GOULD,J. "**Severe impairments of of social interaction and associated abnormalities in children: Le HBS Schedules**".Neuropsychiatrie de l' Enfance,34,138-141. p.p.11-29.1979.

ANEXOS



Trabalho realizado pelo estudante Pedro no início da pesquisa, onde trabalhamos a sua coordenação motora fina.

2) Dê os vizinhos.

~~20~~ ~~11~~ ~~12~~ ✓

~~05~~ ~~06~~ ~~07~~ ✓

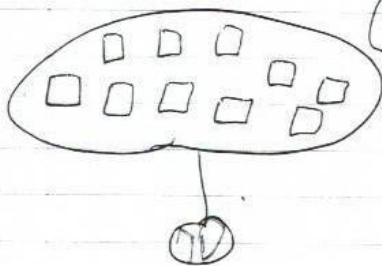
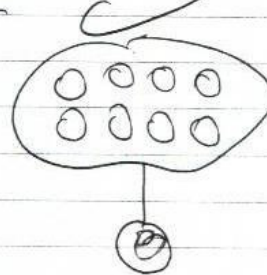
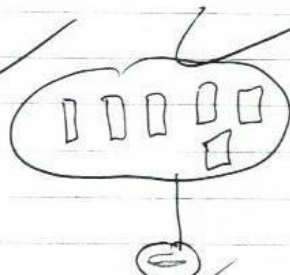
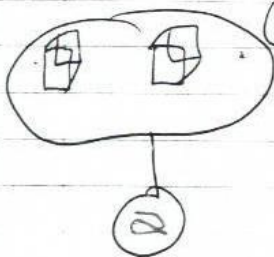
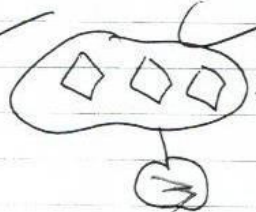
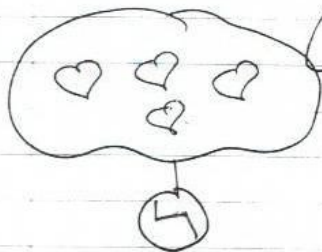
~~09~~ ~~10~~ ~~11~~ ✓

~~21~~ ~~22~~ ~~23~~ ✓

~~14~~ ~~15~~ ~~16~~ ✓

~~04~~ ~~05~~ ~~06~~ ✓

3) Coloque a quantidade nos conjuntos:



Trabalho realizado pelo estudante Pedro no decorrer da pesquisa, demonstrando um grande avanço.

1) Lépice:

BOTÃO ~~BOTÃO~~ ✓

CANETA ~~CANETA~~ ✓

BOMBOM ~~BOMBOM~~ ✓

CACIQUE ~~CACIQUE~~ ✓

PONTE ~~PONTE~~ ✓

ONÇA ~~ONÇA~~ ✓

PAREDE ~~PAREDE~~ ✓

ÍNDIO ~~ÍNDIO~~ ✓

BANDA ~~BANDA~~ ✓

JUMENTO ~~JUMENTO~~ ✓

CAIXA ~~CAIXA~~ ✓

CARIMBO ~~CARIMBO~~ ✓

CARRO ~~CARRO~~ ✓

CASALO ~~CASALO~~ ✓

Trabalho realizado pelo estudante Pedro no decorrer da pesquisa, demonstrando um grande avanço.

